

## 5.2 Condições de trabalho na cadeia de valor do açaí (PA)

O açaí sempre foi um importante alimento para as populações da região Norte do Brasil, sendo usado nas refeições, principalmente com farinha e peixe. Tradicionalmente, para a coleta do açaí é necessário subir na palmeira com um facão, cortar o cacho de frutos, descer segurando em uma das mãos o cacho, na outra o facão e depois “derriçar” os frutos, ou seja, retirar os frutos de açaí do cacho. Para subir na palmeira, que mede em média 12 a 15 metros de altura, é utilizado um trançado de fibras que serve de apoio para os pés do extrativista junto ao tronco da palmeira, localmente conhecido por “peconha”, nome que deu origem à identidade social do extrativista de açaí que se autodenomina por “peconheiro”.

**Peconha** é um utensílio artesanal trançado, feito com a própria folha do açazeiro ou com as fibras de um saco de ráfia, utilizado pelo peconheiro para subir nas palmeiras e coletar os cachos de açaí.

Hoje, o uso do açaí se popularizou tanto no Brasil como em outros países, e segundo dados do Instituto Peabiru, os Estados do Pará, Amapá e Amazonas são responsáveis por mais de 90% da produção mundial, o que gera trabalho e renda para mais de 500.000 extrativistas, sendo essa atividade responsável por 60% da renda de suas famílias (ano base 2015). Porém, mesmo com o aumento da extração para atender essa demanda comercial, a forma tradicional de subir na palmeira para a coleta do açaí não se modificou. Essa atividade era realizada, normalmente, uma vez por dia para a coleta de 2 cachos, quantidade suficiente para alimentar uma família e, atualmente, durante a safra, o peconheiro sobe em média em 15 palmeiras por dia. Para o trabalho render, ele corta até 4 cachos de uma só vez, e desce da palmeira apenas com o apoio da peconha, segurando o facão em uma das mãos e o peso de 20 quilos dos cachos coletados na outra mão.

Essa prática, que é realizada sem nenhum Equipamento de Proteção Individual – EPI e sem nenhum treinamento para aumentar a segurança do extrativista durante a coleta, tornou-se de alta periculosidade, como é demonstrado pelo elevado número de acidentes provocados pela queda do peconheiro da palmeira, principalmente dos jovens, que são os que mais se dedicam à atividade.

A notificação desses acidentes é muito baixa, pois na maioria dos casos, os acidentados são tratados localmente, por causa das longas distâncias e das muitas horas de barco a serem percorridas das comunidades às cidades que possuem hospitais. Entretanto, as pessoas acidentadas não recebem nenhum benefício da previdência social, seja quando estão se recuperando do acidente, seja quando ficam com sequelas e não podem mais trabalhar, porque esse tipo de acidente não é reconhecido pelo estado como acidente de trabalho.

Por meio de uma parceria entre o Instituto Peabiru e o Tribunal Regional do Trabalho da 8ª Região – Pará (TRT-8), foi realizada uma ampla pesquisa sobre as condições de trabalho dos peconheiros, com o objetivo de sensibilizar a sociedade em geral para o tema e de subsidiar, com dados, órgãos públicos para o reconhecimento e a regularização trabalhista da atividade, especialmente devido à sua periculosidade e pela necessidade de se garantir seguridade social aos extrativistas de açaí.



*Coleta de açaí com uso de peconha  
Rio Canaticu, Curralinho (PA)*